



UMA CULTURA AO SERVIÇO DO POVO

Não basta dizer que há dois tipos diferentes de arte e de cultura, o que serve os interesses dos explorados em luta pela sua libertação e o que serve os interesses dos exploradores e da continuação do seu domínio. Há um largo campo entre estes dois polos distintos que ora pretende afirmar-se sozinho, ora abraça a burguesia ora vem com o proletariado. Ora se indigna com a política de subsídios social-fascista dos governos provisórios, ora se regozija com a Europa musical onde os governos provisórios esmolam empréstimos e prémios, ora, ainda, aplaude o apartidário Fernão Lopes Graça como músico "popular".

Tão popular ele é – e não faz mais do que expressar a posição do partido social-fascista quanto à cultura do povo – que afirmou, com o maior desplante, ter sido no exílio que descobriu... o folclore português! Possivelmente em qualquer cabaré de Paris.

Esse sector democrático, esse sector hesitante dos trabalhadores da cultura, tem servido, com o seu silêncio ou a sua pactuação de passadeira por onde nos chegam os bailados da burguesia moscovita ou a pornografia da burguesia de Washington.

No entanto esse sector tem aspirações e interesses a defender. Acaso os tem defendido? Acaso algum partido os defende? Acaso algum governo provisório os atendeu?

Inventou-se uma Associação Portuguesa de Escritores com 388 associados que lá não põem os pés; praticamente não recebe quotas; só este ano entregou o prémio que atribuiu em 1966 – após receber subsídio – e realizou um célebre Congresso, subsidiado pela Gulbenkian e pelo Governo do "companheiro" Vasco, que não teve qualquer fruto; guarda ciosamente nos bancos o produto do leilão de obras de arte que efectuou. Como defende os interesses dos escritores, aceitando que só há no nosso país 388? E o que fez do elevado subsídio – mais um! – há pouco recebido para atribuição de bolsas de trabalho?

Inventou-se um Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis (FAOJ) controlado pela escumalha social-fascista que iniciou actividades editoriais com nove volumes editados em 1975, de que o primeiro se chamava "Cuba" e o terceiro "Fidel Castro" – apartidários, é claro. Quatro livros de teatro não menos apartidários serviam de chantagem junto das organizações juvenis: "levas o subsídio mas representas esta peça". O primeiro director do FAOJ era um fascista hoje a banhos no Brasil; após o 11 de Março os social-fascistas assumem a liderança. De um ficheiro composto por relatórios minuciosos e pidescos das actividades quotidianas das colónias de férias, desaparecido entre Maio e Junho de 1974, ninguém presta contas. É assim que uns e outros defendem a cultura do povo.

No ano do 25 de Abril foram produzidas 7 longas metragens portuguesas e importadas 868 das quais 119 dos Estados Unidos e perto de uma centena dos chamados países de Leste. O Instituto Português do Cinema social-fascista controla o grosso da produção nacional de filmes e quem não aceita os seus ditames – que se governe.

Dos 114 museus existentes apenas 8 são denominados de "arte popular e etnográficos" – denominados porque além do nome pouco mais têm de popular.

Das 264 bibliotecas uma é nacional, 186 universitárias e apenas 77 são dadas como públicas – estão, no entanto, escondidas, perdidas e os trâmites burocráticos que exigem afastam de vez qualquer elemento do povo.

Dos 506 recintos utilizados em actividades culturais, 117 situam-se em Lisboa e 55 no Porto e dos 69 com mais de mil lugares são 25 os que se encontram nas "capitais": o que constitui uma forma original de levar a cultura ao povo!

Além destes há os que permanecem encerrados – como o D. Maria – enquanto continuam desempregados dezenas de actores de teatro.

Quanto à investigação científica ela partilha os subsídios com a "difusão da língua e cultura portuguesas no estrangeiro" – quando os social-fascistas afirmam que o nosso povo é tão analfabeto que confunde o símbolo vermelho dos explorados com o símbolo negro dos exploradores, que pensar de tal "difusão" fora de portas?

Esta investigação, este teatro, este cinema, esta cultura, estão ao serviço do povo ou, pelo contrário, desbaratam o dinheiro roubado ao povo e posto ao serviço da penetração do imperialismo e do social-imperialismo na nossa pátria? Defendem a independência nacional e os sentimentos patrióticos do povo ou procuram vendê-los? Dirigem-se à grande massa dos explorados ou ao pequeno punhado de exploradores?

Após o 25 de Abril os social-fascistas assumiram a liderança neste domínio – liderança que já vinha sendo preparada, de antes, através do seu conluio com os fascistas. Eles lançam no desemprego milhares de trabalhadores da cultura que se recusam a aceitar o seu domínio ideológico e político. Eles exercem o terrorismo social-fascista sobre quem se lhes opõe. Eles promovem Urbanos e Graças, Letrias e Arys e desprezam todo esse grande conjunto de intelectuais e artistas democratas e patriotas, anti-fascistas e anti-social-fascistas. Eles temem o povo, a sua arte e a sua cultura, o seu saber e a sua filosofia e procuram criar uma aristocracia, uma nova elite burguesa senhora e dona da cultura.

Eles importam os circos do seu isolamento, os bailados do "rei que vai nú", os velhos "teatros jovens" da "RDA", o cinema pornográfico e pseudo-pacifista, com a finalidade cínica de preparar o novo golpe que permita a instauração da ditadura social-fascista e a submissão da nossa Pátria aos senhores do Kremlin.

Eles vestem um cadáver de "MUTI", muito intelectual e muito artístico, com o polícia Luso Soares, o cronicão Lopes Graça, o avestruz Carlos Porto e outros cabides mais que por aí se passeiam feitos gente, com o objectivo único de abrir o caminho ao golpe que trará consigo a hegemonia social-fascista no aparelho de estado da burguesia.

Eles compilam e antologiam os volumes escolares com que intentam desviar a juventude estudantil revolucionária e pô-la sob a sua órbita, papagueando a sua ideologia reaccionária, desarmando esse caudal impetuoso que são os jovens face às investidas social-imperialistas e colocando-o a reboque da sua política golpista.

Só o nosso Partido, só o MRPP, sempre apontou e aponta o caminho justo para a Frente da Cultura: esse poderoso exército sem o qual a Revolução não é possível deve ter como força dirigente o proletariado revolucionário, devem ser os operários, os camponeses, todos os trabalhadores explorados, a juventude progressista, os estudantes e intelectuais desejosos de servir o povo, devem ser essas classes e camadas de classe o grosso da coluna.

A cultura e a arte abrem o caminho à Revolução e preparam o seu avanço vitorioso. Sem um amplo movimento cultural, feito pelas massas e mobilizando as massas, não há Revolução, não há o Governo Popular de todos os explorados, não há a Ditadura Democrática Popular.

trilhar: ligar-se às massas do povo e aprender com elas, pôr a arte e a cultura ao serviço dos explorados e oprimidos, defender intransigentemente a cultura do nosso povo, a cultura democrática e patriótica, lutar contra a penetração das culturas imperialistas e social-imperialistas, obscurantistas, idealistas e reaccionárias.

O MRPP é o único Partido que sempre defendeu e defende a grande maioria democrática dos intelectuais e artistas. Votar no MRPP não significa, para esse sector do povo, ver os seus problemas resolvidos, mas ter uma voz que os represente na Assembleia Legislativa e a certeza de que todas as falcatruas, golpes e conluios dos inimigos do povo serão firmemente desmascarados e denunciados.

O nosso Partido, o MRPP, é o Partido dos intelectuais progressistas e revolucionários. Só unidos firmemente à classe operária e à sua vanguarda, o MRPP, eles podem avançar na Revolução.

VOTA MRPP, A VOZ DA REVOLUÇÃO NA LEGISLATIVA!
VIVA A CANDIDATURA OPERÁRIA!
VIVA O PARTIDO!

Lisboa, 20 de Abril de 1976.

O SECRETARIADO NACIONAL
DA CANDIDATURA OPERÁRIA
DO MRPP

Lê a propaganda revolucionária do Secretariado Nacional da Candidatura Operária do MRPP
13 / NAS BARBAS DA LEGALIDADE "DEMOCRÁTICA" ELEITORAL, OS SOCIAL-FASCISTAS PREPARAM
O GOLPE

A publicar
A QUESTÃO RELIGIOSA

TODOS AO GRANDE COMÍCIO DE ENCERRAMENTO DA CAMPANHA DA CANDIDATURA OPERÁRIA
22 / ABRIL / QUINTA / 21 H / CAMPO PEQUENO - LISBOA

ABM